

MIGRANDO PARA CASA

Rosana Tonetti
Da equipe do **Correio**

Maria e José ainda trazem nos rostos o sofrimento das dificuldades de retirantes nordestinos. São marcas difíceis de apagar. Maria, 27 anos, não tem os dentes da frente da arcada superior. E José aparenta muito mais do que os seus 26 anos. Apesar dos sorrisos de criança, os cinco filhos do casal não conseguem disfarçar a tristeza provocada pelos golpes de uma vida enraizada na miséria absoluta.

Uma miséria que acompanha a família desde Juazeiro do Norte, no Ceará, de onde saíram Maria e José há oito anos rumo à capital federal. Em Juazeiro passavam fome, mas tinham onde morar. No Distrito Federal nunca padeceram de fome, porém viveram quase sempre sem um teto. A partir da próxima segunda-feira, vão poder ter casa e trabalho para garantir comida no prato.

A família retorna para Juazeiro e vai poder encerrar, com um final feliz, a novela que viveu, recheada de capítulos amargos. Nada de dinheiro, jóias, imóveis. De novo, além das lhas que juntaram ao longo dos anos de vida difícil em Brasília, eles levam conhecimento profissional. Maria agora é manicure e José confecciona bonecas de pano. Aprenderam o ofício no Centro de Atendimento Social (CAS) de Águas Claras. E é com isso que pretendem ganhar a vida assim

que puserem os pés de volta na cidade que lhes viu nascer e crescer.

Nascidos Maria Silvani dos Santos Lima e José Rodrigues da Silva, eles deixaram para trás irmãos, pai, mãe e amigos para se aventurar no Distrito Federal. Trouxeram as filhas Daiane, 10 anos, e Érica, 8, ainda bebês. Os outros três filhos — Taís, 7, Talita, 3, e Mateus, 1 — nasceram em Brasília.

“Diziam que aqui a gente arranjava fácil trabalho”, conta José, que era mais um entre dezenas de consertadores de panela em Juazeiro. Para trazer a família, ele vendeu os únicos bens que possuía: um cavalo e uma carroça. Chegando aqui, tentou consertar panelas. Não deu certo. Partiu para ajudante de pedreiro — até o dia em que a obra chegou ao fim. Vivendo de biscates, com o tempo foi vendendo aos poucos tudo o que tinha em casa para comprar comida. Começou pelas camas e panelas.

Sem conseguir pagar o aluguel de um barraco no Gama, vendeu o último utensílio que restava: um fogão velho. Com o dinheiro, investiu em nova moradia: uma lona amarela. E partiu para o Plano Piloto. Perambularam durante dois anos de quarda em quadra.

Das últimas cenas ao relento, na 212 Norte, José guarda as piores lembranças: “Numa manhã de muita chuva o pessoal da Terracap chegou e disse que ali a gente não podia ficar. Rasgaram a lona e a gente correu pra debaixo de uma árvore. Meu filho caçula pegou um febrão e quase morreu”, conta José.

Jorge Cardoso



Maria e José com seus cinco filhos, de malas prontas para retornar a Juazeiro do Norte (CE): cursos no Centro de Atendimento Social de Águas Claras